

EM PAUTA

O INQUIETANTE FREUDIANO E A EXTIMIDADE LACANIANA: DISTINTOS TRAÇOS DA NEGATIVIDADE NA PSICANÁLISE

THE UNCANNY FREUDIAN AND THE *EXTIMITÉ* LACANIAN: DISTINCT NEGATIVITY TRAITS IN PSYCHOANALYSISNelson da Silva Junior¹Guilherme C. Oliveira Silva²

¹Psicanalista, doutor em Psicopatologia Fundamental pela Universidade Paris VII, professor titular do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP. Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Coordenador do Latesfip, juntamente com Christian Dunker e Vladimir Safatle. Autor, entre outros, dos livros *Le fictionnel en psychanalyse – Une étude à partir de l'œuvre de Fernando Pessoa* (Presses Universitaires du Septentrion, 2000), *Linguagens e pensamento – A lógica na razão e desrazão* (Casa do Psicólogo, 2007), *A psicologia social e a questão do hífen* (org. de Silva Junior e Zangari; Blucher, 2017), *Patologias do social* (org. de Dunker, Silva Junior e Safatle; Autêntica, 2018) e *Fernando Pessoa e Freud: diálogos inquietantes* (Blucher, 2019). E-mail: nelsonsj1961@gmail.com

²Psicanalista, mestre em Psicologia Social pelo IPUSP, com a dissertação *Leitura e escrita da letra na obra de Jacques Lacan, e atualmente doutorando do mesmo departamento, prosseguindo com o tema da leitura e da escrita, pensadas em relação aos seus efeitos numa análise*. E-mail: guilhermoliveira03@gmail.com

Resumo: O artigo parte da hipótese sobre o conflito de julgamento, levantada por Freud em 1919 para explicar o sentimento *inquietante*, como ponto de partida para uma aproximação e distinção da noção de *êxtimo*, desenvolvida por Lacan para tratar da *intimidade* daquilo que se apresenta como marca “externa”. Desenvolveremos essa relação ao trabalhar alguns problemas metapsicológicos, quais sejam: aquele da Coisa freudiana, aquele do *traço unário* e aquele da negatividade. Num primeiro momento, será através dessa discussão que leremos o que inquieta e que ao mesmo tempo é tão íntimo quanto externo para um sujeito. Porém, veremos como essas problemáticas não encerram o tema do *inquietante*. Veremos como a hipótese do conflito de julgamento coloca outras questões, fora do escopo metapsicológico, que merecem ser desenvolvidas a partir dessa comparação.

Palavras-chave: Inquietante. Êxtimo. Coisa. Traço unário. Negatividade.

Abstract: The article starts from the hypothesis about the conflict of judgment, raised by Freud in 1919 to explain the feeling of uncanny, as a starting point for an approximation and distinction of the notion of extimité, developed by Lacan to deal with the intimate of the “external mark”. We will develop this relationship by working on some metapsychological problems, namely: that of the Freudian Thing, that of the unary trait and that of negativity. At first, we will read what worries and which is both intimate and external to a subject. However, we will see how these problems do not end the topic of the uncanny. We will see how a hypothesis of conflict of judgment raises other issues, in addition to the metapsychological scope, that deserve to be developed from this comparison.

Keywords: Uncanny. Extimité. The Thing. Unary trait. Negativity.

Antes o voo da ave, que passa e não deixa rasto,
 Que a passagem do animal, que fica lembrada no chão.
 A ave passa e esquece, e assim deve ser.
 O animal, onde já não está e por isso de nada serve,
 Mostra que já esteve, o que não serve para nada.

“O guardador de rebanhos.”

Poemas de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa.

O inquietante é uma experiência afetiva localizável no tempo e no espaço, e não deveria mais ser uma novidade que ela é exclusiva da cultura ocidental moderna. Com efeito, não é um acaso que esta experiência apareça em nossa cultura apenas no século das Luzes, logo após a ultrapassagem da episteme renascentista ainda fortemente teocêntrica e na qual fenômenos que escapavam à banalidade cotidiana eram sistematicamente identificados como sinais legíveis da ordem divina sobre o mundo (FOUCAULT, 1996). É somente na literatura europeia do início século XVIII que os primeiros relatos de eventos de exceção passam a se articular com um desamparo maior, efeito do ocaso da crença em Deus como fiador da ordem cósmica. A experiência do inquietante, nesse sentido, é compreensível como uma forma social de sofrimento, resultante das alterações da cultura. A exemplo da genealogia lacaniana do sujeito do inconsciente (LACAN, 2001), ela resulta da primazia da ciência como discurso da verdade sobre a religião. Ora, em seu texto *O inquietante*, Freud (1982) construiu uma hipótese metapsicológica sobre esta experiência que repousa precisamente sobre esse conflito do julgamento de espessura histórica: ela resultaria, segundo Freud, de um *conflito de julgamento* a respeito da natureza real ou ficcional do evento de exceção. Para Freud, o conflito de julgamento desencadeado pelo evento de exceção coloca em questão precisamente o pressuposto iluminista de que vivemos em um mundo desencantado, uma vez que ele parece ser causado por formas aparentemente *significativas*, inscritas neste mundo. Em outras palavras, a estrutura da hipótese freudiana do conflito de julgamento espelha outro conflito, aquele entre dois momentos da história da cultura, o Renascimento e o Iluminismo.

Lacan, por seu turno, propõe o conceito de extimidade no contexto de uma discussão diferente, mais especificamente ligada ao esforço de nomeação do lugar do objeto a em sua topologia: “Ele [o objeto a] está aqui em um lugar que nós podemos designar com o termo de êxtimo, conjugando o íntimo à radical exterioridade” (LACAN, 2006, p. 249). Não se trata, portanto, como é o caso em Freud, de fornecer uma hipótese metapsicológica sobre uma experiência específica e pontual, quiçá rara, mas sim de aprimorar um modelo de sujeito, integrando um dos aspectos da negatividade do objeto em sua teoria do desejo. Em outras palavras, se no caso de Freud o inquietante se compreende como uma experiência contingente, em Lacan o êxtimo faz parte da constituição do sujeito, ainda que Lacan entenda essa estrutura como histórica, tal como fica claro no texto mencionado acima, *A ciência e a verdade*. Mas se trata de contingências de temporalidades distintas: no primeiro caso, de uma *cuenta corta* e, no segundo, de uma *cuenta larga*, conforme a divisão maia e asteca entre duas formas de historicidade³.

Apesar desta diferença, a aproximação entre os dois conceitos é inevitável. Em primeiro lugar, pela proposta do próprio Lacan de tradução do termo *Unheimlichkeit* por *extimité*. Em segundo lugar, pela referência comum a uma

estrutura de indecidibilidade entre opostos: num caso entre a ficção e a realidade, e noutro entre a intimidade e a exterioridade. Em terceiro lugar, e este é o nosso objetivo, por essa aproximação permitir revelar que a conceitualização freudiana é restrita em relação aos seus próprios objetivos explicativos.

De fato, comparar esses dois conceitos em suas lógicas internas permite revelar suas respectivas potencialidades. Esta comparação revela primeiramente uma restrição na teorização freudiana da experiência do inquietante. Apesar da originalidade do objeto e da conceitualização da pesquisa freudiana sobre o inquietante, uma análise mais detida sobre esta última revela que ela não contempla uma gama específica deste sentimento. Mais especificamente, as experiências de inquietante que podem ser compreendidas como hipérbolos da ficção, ou seja, ameaças de ficcionalização da realidade como um todo, não são contempladas pela forma específica do conflito de julgamento proposta por Freud para sua compreensão, restrição conceitual de Freud que remonta, em última instância, à sua concepção de ciência (SILVA JUNIOR, 2019). Ora, o conceito de extimidade de Lacan reserva um lugar estrutural à negatividade em sua trama conceitual de base e é, nesse sentido, não somente um conceito capaz de contemplar as formas de inquietante invisíveis à conceitualização freudiana, como também um operador preciso na análise das diferenças da economia conceitual freudiana e lacaniana.

Nosso percurso parte de uma releitura da economia conceitual da Coisa freudiana, de modo a demonstrar a antecipação da estrutura da hipótese de Freud sobre o inquietante já neste conceito. Esta análise retroativa do texto freudiano nos permite aproximar os dois conceitos, pois a problemática da *Coisa* freudiana é avançada por Jacques Lacan em diversos momentos de sua obra. Com efeito, esse passo preliminar é uma condição de método, pois interessamos analisar a seguir a problemática da Coisa a partir da ideia de êxtimo, isto particularmente em ressonância com seus desenvolvimentos acerca do traço unário (LACAN, [S.a.]). Tal como Lacan o trabalha, no traço há algo relativo ao *apagamento*, diante do qual se encadearia a repetição de alguma coisa que *marca*. Esta alguma Coisa teria a ver com o que não foi inteiramente assimilado pelo aparelho psíquico, que ali irrompeu como Coisa *estrangeira*: algo da ordem do real, possível de ser suposto apenas na medida dos seus efeitos. É aqui que entra a ideia de êxtimo cunhada por Lacan em 1960. A seguir, exploraremos a relação que estabelecemos entre essa extimidade e a conceitualização do inquietante, segundo a análise freudiana de 1919. Assim, ao partir de um desenvolvimento acerca da Coisa freudiana, será possível chegar à extimidade de Lacan, desde que esta seja trabalhada com auxílio da noção de traço unário.

Conforme dito, iniciaremos tratando o problema freudiano sobre a Coisa, com um comentário sobre o *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1996). Enquanto Lacan no *Seminário IX* (LACAN, [S.a.]) fala de um *apagamento* da Coisa e de *repetição* do traço para elaborar o que ele concebe como encaadamento significativo, Freud recorrerá a elaborações fundamentais no conceito de pulsão (*Trieb*) e em teorias biológicas acerca dos neurônios, visando a tratar das marcas próprias do aparelho psíquico que produziriam o fenômeno da memória e, ademais, do não sabido do inconsciente. Parece-nos que Lacan abre mão de uma reflexão biológica e neurológica sobre a problemática da Coisa, talvez com intuito de inserir considerações sobre a escrita e a letra. Vejamos como Freud desenvolve a questão a partir de um comentário sobre o Projeto.

A COISA E SUA LEITURA

Às voltas com as questões surgidas a partir da clínica das histéricas, Freud se esforçará em teorizar o funcionamento do aparelho psíquico servindo-se dos recursos que lhe eram disponíveis segundo a ciência da época. Escreverá o *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1996), em que desenvolveu uma hipótese sobre a existência de três tipos de neurônios e suas interações, com intuito de explicar a diferença entre o sistema perceptivo, o sistema ψ e a consciência. Além disso, também criou uma hipótese sobre as *barreiras de contato* entre neurônios, antecipando de certo modo a teorização sobre as sinapses, feita apenas dois anos depois por Foster e Sherrington em 1897⁴.

Os traços mnemônicos, traços da memória e do inconsciente, são para ele fundamentados nessas barreiras de contato, na medida em que somente determinadas quantidades de descarga de energia ativariam determinadas ligações neuronais, marcando um caminho e permitindo a retenção de impressões. É um modelo ainda hoje muito interessante para se pensar o sistema ψ , a partir da ultrapassagem de barreiras e de alterações qualitativas e a partir de diferenças quantitativas. De certo modo, o que permitiria a diferenciação na passagem de informação através dos neurônios seriam tais barreiras, enquanto espécies de “impedimentos”.

Se pensarmos na teorização lacaniana acerca das ligações significantes, podemos fazer uma analogia entre essas barreiras e a barra que separa o significante do significado no signo S/s ; ou até mesmo uma analogia entre elas e o fato de um significante nunca poder representar a si mesmo, de ser necessário um deslocamento para outros significantes, produzindo ligações entre $S1$ e os outros significantes $S2$. Enquanto Freud cria uma hipótese biológica para explicar o fato de o aparelho psíquico poder reter informações, Lacan pensa numa ideia de barreira num sentido linguístico para explicar o que se supõe como diferença entre significante e significado e, além disso, a ideia de cadeia significante. Permanecemos por hora acompanhando o raciocínio freudiano e sua perspicácia, que pensa a hipótese dessas barreiras de contato para explicar a diferenciação entre o sistema perceptivo e o sistema ψ :

A hipótese de haver dois sistemas de neurônios, ϕ e ψ , o primeiro formado por elementos permeáveis e o segundo por impermeáveis, parece fornecer a explicação para uma das peculiaridades do sistema nervoso – a de reter e, ainda assim, permanecer capaz de receber (FREUD, 1996, p. 354).

Em relação à percepção, a ideia de Freud é a de que não poderia haver resistência na passagem de informação e nem retenção, na medida em que os neurônios perceptivos precisariam estar sempre aptos a novas excitações. Em contrapartida, o sistema ψ , com essa característica de retenção, seria aquele ligado à memória e à permanência de traços mnemônicos no inconsciente. De certo modo, é um funcionamento em que é possível *escrever* alguma coisa – se pensarmos na metáfora incontornável, desenvolvida décadas depois, em *Nota sobre o bloco mágico* (FREUD, 2011). Porém, o sistema ψ não poderia tão somente oferecer resistência à passagem de energia. Haveria situações ligadas à reaprendizagem e à transformação de impressões nas quais esse sistema de neurônios precisaria ser menos impermeável. Nesses momentos, entraria em jogo o chamado grau de facilitação (FREUD, 1996), que consiste em tornar esses neurônios menos impermeáveis, com as barreiras de contato mais capazes de condução – desse modo, mais semelhantes ao sistema perceptivo.

O sistema perceptivo agiria como uma espécie de filtro, protegendo o aparelho psíquico das excitações externas. Trata-se da mesma função do pedaço transparente de celuloide e do papel encerado na futura metáfora do bloco mágico (FREUD, 2011, p. 258). Nesse sentido, essa “superfície” precisaria estar apta a receber as excitações (é sobre o que escrevemos no bloco mágico), sem retê-las, pois esta última ação ficaria a cargo do sistema ψ (ou seja, da placa de cera, no futuro modelo). O contato com o mundo externo se daria, primeiramente, a partir desse filtro. Ora, será importante fazer um pequeno desenvolvimento em relação a isso. Enquanto sistema, estabelecendo contato com o que é externo, ele simultaneamente se diferencia deste externo na medida em que obedece a uma lógica de “codificação”. Ou seja: os pulsos neuronais através dos quais uma quantidade de energia entra pela percepção já são diferentes da coisa percebida. Este ponto é fundamental e merece toda nossa atenção: o “externo” é codificado pelo sistema ϕ , é “transformado” em pulsos neuronais.

Entretanto, algumas *Coisa* seriam disruptivas para o aparelho psíquico e sua codificação: não seriam totalmente assimiladas, gerando uma grande quantidade de energia residual. O conceito kantiano de a coisa em si, o númeno, em oposição ao fenômeno, é aqui um modelo de inspiração facilmente reconhecível na pena freudiana. De fato, em Kant, a coisa em si é incognoscível, isto é, inassimilável por nossas formas a priori da percepção, quais sejam, o tempo e o espaço e, portanto, não acessível ao entendimento. Mas, em Freud, a Coisa, mesmo que não exatamente assimilada, deixaria “marcas negativas” no aparelho psíquico, isto é, não um registro nele, mas formas de reação desse aparelho que seriam o seu efeito indireto. Assim, para tentar gerir isso que causou uma espécie de ruptura, entraria em jogo um princípio básico de funcionamento, qual seja, o princípio do prazer:

Os resíduos dos dois tipos de experiências [de dor e de satisfação] que acabamos de examinar são os afetos e os estados de desejo. [...] O estado de desejo resulta numa *atração* positiva para o objeto desejado, ou mais precisamente, por sua imagem mnêmica; a experiência da dor leva à repulsa, à aversão por manter catexizada a imagem mnêmica hostil. Eis aqui a *atração de desejo* primária e a *defesa* [repúdio] primária (FREUD, 1996, p. 374).

Na relação com a Coisa (aqui chamada de objeto) entrará em jogo para Freud a noção de princípio do prazer, enquanto uma modulação do aparelho psíquico que tentará ainda assim “levar em conta” as experiências com o mundo externo a partir da atração gerada (prazer) e do repúdio (desprazer). Continuando:

A linguagem aplicará mais tarde o termo *juízo* a essa análise e descobrirá a semelhança que de fato existe [por um lado] entre o núcleo do ego e o componente perceptual constante e [por outro] entre as catexias cambiantes no *pallium* e a componente inconstante: esta [a linguagem] chamará o neurônio *a* de *a coisa*, e o neurônio *b*, de sua atividade ou atributo – em suma, de seu *predicado* (FREUD, 1996, p. 380).

Tal análise se refere a esse condicionamento do aparelho psíquico pelo princípio do prazer/desprazer; ou seja, se haverá atração ou repulsa diante da imagem mnemônica. Este princípio possibilita repetições no aparelho psíquico, enquanto caminhos facilitados para a descarga de energia. Freud ainda não

está tratando do paradoxo da repetição desenvolvido em *Além do princípio do prazer* (FREUD, 2010) ligado às experiências traumáticas; a repetição aqui tem a ver com o próprio princípio do prazer, os caminhos marcados no aparelho psíquico. Embora seja o sistema neuronal (se pudermos assim nomeá-lo) que determinará esse caminho de atração e repulsa, a presença da Coisa será fundamental, mas apenas teremos notícias dela a partir das reações a ela por parte do aparelho psíquico, uma vez que não poderíamos falar propriamente de “marcas” aqui.

Ora, esta passagem tem o interesse de apresentar precisamente o tipo de conflito que constituirá a hipótese metapsicológica sobre a experiência do inquietante, em 1919 (FREUD, 1982). Com efeito, após analisar sucessivas hipóteses sobre os processos psíquicos que estariam na base desta experiência, Freud chega à ideia de que o inquietante resulta sempre de um conflito de julgamento sobre a natureza do que é percebido. Trata-se do efeito afetivo que vem da indecidibilidade diante da percepção na realidade de algo que julgávamos como sendo da ordem da ficção:

As realizações de desejos, as forças ocultas, a onipotência dos pensamentos, a animação do inanimado não têm poder de produzir nenhum efeito inquietante, pois, para que se produza um tal sentimento, é preciso, como já vimos, um conflito de julgamento (*Urteilstreit*) quanto a saber se o inacreditável que foi superado não é possível realmente, questão que é pura e simplesmente eliminada pelos pressupostos do universo do conto (FREUD, 1982, p. 272).

É também interessante observar que Lacan, às voltas com uma problemática análoga a essa, cunhará o neologismo *extimidade* (LACAN, 1986, p. 98, aula do dia 10 de fevereiro de 1960), enquanto aquilo que é *externo* e *íntimo* ao mesmo tempo, relacionado no *Seminário XVI* ao objeto a (LACAN, 2006, p. 125, aula do dia 26 de março de 1969).

Para prosseguir com essa problemática sobre a relação da Coisa com aparelho psíquico, lida por Lacan com certa “intimidade”, ou extimidade do real, sigamos com os comentários de uma autora que se debruçou sobre esse ponto. Tratando do traumático na clínica, Berta (2015) desenvolve algumas hipóteses importantes que merecem ser comentadas.

Tomando como referência o sistema percepção-consciência, apresentado por Freud em *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 2015), Berta falará de uma primeira transcrição na entrada do sistema perceptivo. Entende-se essa primeira transcrição como a cifração necessária do mundo externo em símbolos mnemônicos para o funcionamento do aparelho psíquico. Encontrar-se-ia aqui, para a autora, um sistema primitivo dos significantes, através do qual a Coisa sofreria um primeiro apagamento, uma primeira elisão. Essa Coisa está associada a algo do mundo externo que marca o sistema, mas que permanece apagado no psiquismo, porque a transcrição, o traço, obedece à lógica da escrita enquanto parte do sistema. Ao causar uma ruptura no aparelho, a Coisa não é totalmente transcrita: gera-se uma “marca negativa”, uma diferença no sistema neuronal, oriunda de algo que não se sabe muito bem o que é, uma vez que não há registro direto dela.

A autora direcionou sua análise para o texto *A interpretação dos sonhos*, mas é conhecida a influência dos esquemas neuronais teorizados primeiramente

te no *Projeto* (FREUD, 1996) sobre esse texto. Nesse sentido, nos permitimos acompanhar o seu comentário na direção do presente tópico:

As *Prägungen* das experiências de satisfação e das experiências de dor não são passíveis de serem inscritas nem transcritas, mas podem, pela intensidade, causar uma inscrição, muito embora permaneçam como “a Coisa” (*Sachvorstellung* ou *Dingvorstellung*). O signo da percepção – o signo do cambista – é essa inscrição (*Ws*, *Wahrnehmungszeichen*). Identidade de percepção significa que ainda não estamos ao nível da significação, mas que tivemos a marca, a inscrição que implica uma fixação pulsional. Na medida em que temos possibilidade de transcrição, a memória, em ψ , vai *trançando* o mapa das facilidades. Assim, se gesta essa memória das experiências que são o produto da *Versagung* da tradução – esta não seria possível sem essa condição de elisão (BERTA, 2015, p. 99).

A inscrição da Coisa se daria como marca do que não pôde se inscrever, signo de algo que teria estado lá. Para Berta⁵, trata-se de uma experiência traumática, de um furo no aparelho psíquico que o faz funcionar em torno de algo que nunca é no fim cifrado e decifrado; que permanece como uma marca da ordem do real. Nesse sentido, a Coisa é associada ao objeto *a*, ao êxtimo e ao desejo indestrutível – teria a ver com o que se inscreve sem ser transcrito; com isso que se apresenta à percepção, mas que não é nunca inteiramente “codificado” em termos simbólicos. Diante disso, funcionaria a repetição.

Cabe ressaltar que a Coisa freudiana não é tomada como algo externo, e sim como Coisa nunca inteiramente assimilada, que irrompe no psiquismo deixando como marca aquilo que não se sabe muito bem marcar. Sua *atopia* é incontornável, ainda que seja inassimilável no interior de um sistema espacial binário, organizado em torno do *interior e exterior*.

Os termos *transcrição*, *tradução* e *transliteração* foram desenvolvidos por Jean Allouch (1984) para tratar da escrita em psicanálise. Enquanto a transcrição tem a ver com a escrita de algo real (escrita de um puro som a partir de símbolos), a tradução tem a ver com a transmissão de um sentido conhecido (via imaginário) e a transliteração à passagem de uma forma de escrita para outra forma de escrita (ligada à instância da letra). Deste modo, para a autora (BERTA, 2015), a marca deixada pela Coisa não é sequer transcrita, permanece como falha onde o símbolo não sabe entrar. Restam, entretanto, esses traços (ou rastos) que não formam um sistema de escrita, mas que poderiam ser “contados” a partir da repetição. Será nesse sentido que apostará Lacan no *Seminário IX* (LACAN, [S.a.]) ao elaborar o conceito de traço unário.

TRAÇO UNÁRIO

Em seu seminário *L'identification* (LACAN, [S.a.]), Jacques Lacan criará uma hipótese sobre o nascimento da escrita associada ao que ele nomeará como *apagamento* da Coisa. Cunhando o neologismo *effaçons*, que conjuga a palavra *formas* (*façons*) e o verbo *apagar* (*effacer*), o psicanalista teorizará que o significante passa a ter efeito de estruturação do sujeito a partir do momento no qual acontece tal apagamento e conseqüente redução ao traço unário.

O apagamento da Coisa se daria tanto no sentido figurativo, com a transformação de desenhos em letras, quanto como forma de marcar o real, a partir da repetição. Vejamos esses dois casos:

No primeiro caso, trata-se da diferença entre signo e significante: enquanto um signo representa uma coisa para alguém, um significante representa um sujeito para outro significante. Assim, por exemplo, pensemos nos desenhos ditos primitivos que representariam coisas para pessoas, como animais, caça, comida, etc. Um desses desenhos poderia ser uma cabeça de boi que de repente passaria a ser usado como ornamento ou marca. Com o tempo, esse desenho começaria a perder o seu caráter figurativo relacionado à cabeça do animal e se transformaria em traços mais ou menos fixos. Eis aqui uma hipótese do que teria acontecido na origem da letra *Álef*, ancestral do alfa grego e do nosso *a* latino. *Álef* inicialmente é, em fenício, a palavra para o nome do animal. Mas a representação gráfica do animal era um desenho esquemático de uma cabeça de boi com seus chifres: ∇ . Este desenho vai aos poucos perdendo seu vínculo com seu referente na realidade, e de “cabeça de boi”, ele se torna a representação gráfica não do nome do animal, mas do significante *Álef*, sendo usado como símbolo em vasos, objetos, etc. Ainda não é exatamente uma letra, mas sim um símbolo que pode ser encontrado em diversos objetos com milhares de anos, construídos antes do surgimento de qualquer alfabeto (LACAN, [S.a.], aula do dia 6 de dezembro de 1961).

A partir do momento em que esse símbolo passou a ser usado dentro de um alfabeto para codificar os sons da fala, tratar-se-á da transformação do signo em letra do alfabeto. *Álef* não será mais o símbolo da cabeça de boi, mas sim uma letra dentre várias, usada para escrever qualquer significante que inclua seu fonema. Ora, há um progressivo grau de abstração envolvido nesse processo: de um desenho que representava uma Coisa para alguém (a cabeça de boi), passa-se para um símbolo ligado a esse objeto (símbolo *Álef*, com uma forma parecida com a cabeça de boi, mas usado em objetos como símbolo, num sentido diferente do figurativo) e, finalmente, chega-se a um uso enquanto letra de um alfabeto, cuja relação com a coisa primeiramente representada não tem mais nenhum efeito (ao se transformar numa letra que conota o significante, a representação é abstraída, pois só importará o fato de *Álef* ser um símbolo gráfico de um alfabeto). Esse é um dos sentidos do que Lacan nomeia como *effaçons*: a Coisa é progressivamente apagada até o momento no qual entra em questão o funcionamento do significante, enquanto pura diferença ligada à lógica de uma língua.

Podemos pensar que já em relação ao primeiro desenho ∇ haveria um tipo de apagamento: o desenho da cabeça de boi é diferente da própria cabeça de boi, embora com um sentido restritamente associado a ela, na medida em que representa essa coisa para alguém. Porém, quando se transforma em letra, *Álef* (ou o nosso *a* latino) não tem nenhum sentido definido, senão o fato de ser uma letra de um alfabeto. Aliás, além de não ter um sentido, permite que se escrevam diversos sentidos, pois essa letra associada a outras transforma os sons da fala em sílabas, palavras, frases e textos. Assim, Lacan dirá que a letra, não sendo do mesmo registro do significante (LACAN, 1999), seria usada para marcá-lo e aperfeiçoá-lo. Trata-se aqui de uma virada teórica importante, pois se em *A instância da letra* (LACAN, 2001) a letra fora teorizada como estrutura localizada do significante, com os desenvolvimentos do *Seminário IX* ela não é mais considerada como *efeito* do significante, mas como signo escrito, sem sentido, que serve para elaborá-lo (SILVA, 2018).

No segundo caso, em se tratando de marcar o real a partir da repetição, encontramos mais especificamente a teorização de Lacan sobre a série unária. Ao se apagar aquilo que teria estado lá (tal como no caso da Coisa freudiana),

sobririam os seus rastros (*traces*) que, ao serem trabalhados e *escritos*, tornar-se-iam traços (*traits*) encadeados segundo a lógica diferencial do significante. Essa diferença entre rastro e traço é fundamental. Um rastro permite uma *leitura*: algo teria estado lá, não se sabe o quê, mas trata-se de uma “marca negativa” que pode ser lida a partir dos efeitos que desencadeou no sistema. Se pensarmos no que anteriormente discutimos em relação ao *Projeto* (FREUD, 1996), trata-se da mesma lógica da Coisa freudiana, nunca inteiramente assimilada pelo psiquismo, mas marcando-o, tal como se pode deduzi-lo a partir da leitura das experiências de prazer e desprazer. Trata-se de uma eficácia da negatividade também presente no conceito de *êxtimo* em Lacan (2006), lugar espacial impossível de um objeto simultaneamente externo e íntimo. Nos três casos, a Coisa, o *rastro* e o *êxtimo*, uma série de eventos de exceção no psiquismo poderá ser considerada, desde o desejo até o traumático no aparelho psíquico, a respeito do qual Berta (2015) falará mais particularmente. Mas cabe sublinhar que nos três casos, a força de um tipo de negativo não codificável pelo sistema simbólico atinge esse sistema enquanto causa de seus movimentos mais intensos. Poderíamos incluir nessa série de “marcas negativas” do psiquismo a pulsão de morte, mas isso exigiria outros desenvolvimentos (cf. SILVA JUNIOR, 2019). Retornemos ao rastro.

Resumindo, algo da ordem do real que pode ser lido; fora do sentido, porque não assimilado pelo aparelho psíquico, mas marcando-o pelo seu *negativo*: a estrutura simbólica giraria em torno desse *furo*. Porém, isso coloca uma questão séria: se esse objeto está fora do sentido, como seria possível trabalhá-lo teórica e, portanto, clinicamente na psicanálise? A aposta de Lacan é no traço unário.

O *rastro* da Coisa poderia ser *escrito* como um *traço*. À medida que a repetição agisse, outros traços poderiam ser escritos, fornecendo uma série de escansões a partir da qual seria possível depreender uma lógica ligada às “aparições” ou “retornos” dessa Coisa. Há uma passagem no *Seminário IX* que ilustra e esclarece melhor essa questão.

Na lição do dia 6 de dezembro de 1961 (LACAN, [S.a.]), o psicanalista comenta sobre alguns ossos pré-históricos expostos no *Musée de L’Homme*, nos quais estavam desenhados vários tracinhos paralelos formando uma espécie de sequência. Um traço depois do outro, como uma série. Ela poderia querer dizer: “um dia matei um animal”, “outro dia matei outro animal”, “outro dia, outro animal”, etc. A repetição desses traços com o tempo permitiria uma diferença no tempo. “Não ainda um hoje, um ontem e um amanhã: mas simplesmente escansões, que retiravam o homem de seu presente eterno” (SILVA, 2018, p. 57). Essa série seria um exemplo de uma série unária: o que enunciaria diferenças não seria exatamente o formato dos traços; não se trataria de desenhos figurativos que isolassem um objeto. A diferença seria marcada pela repetição. Um traço em si não diria nada, mas a repetição em série sim. Num certo sentido, essa série permitiria um tipo de abstração: a Coisa à qual se referia (os eventos de caça, por exemplo) só poderia ser suposta a partir da série de marcas de eventos sucessivos: Uma caça, uma caça, uma caça, etc. Cada traço escrito revelava o rastro de uma outra coisa: de um alhures, de uma outra cena.

Trata-se, aqui, de uma escrita que não se baseia na fala, mas sim na leitura desses rastros, na leitura do que teria sido apagado. Deste modo, o nascimento da letra não terá a ver com o significante, embora ela possa ser usada posteriormente na constituição dos alfabetos, para marcar o significante e elaborá-lo diferencialmente em sua relação com outros significantes.

Assim, podemos dividir a escrita em duas vertentes: uma ligada ao apagamento da Coisa, e a outra ligada ao significante. Em relação à primeira, trata-se da matéria mesma da letra: da hipótese do seu surgimento a partir do que se pode ler da existência da Coisa em sua inexistência mesma. Sua lógica teria a ver com as aparições do real, enquanto *irrupções* de algo que nunca é de fato assimilado pelo aparelho psíquico, mas cujos *eventos* podem ser contados e escritos desde que em cada um deles se leia um traço. Não se trata ainda de uma escrita, mas da constituição de uma série a partir dos rastros que podem ser lidos como marcas de uma não existência. A série assim escrita não conta com princípios lógicos, como, por exemplo, o princípio de não contradição na lógica aristotélica (BADIOU; CASSIN, 2010). Ela não conta com esses princípios, porque ela não lê na existência as relações lógicas estruturadas por esses princípios. O que ela lê é o real, não como existência de algo, mas sim como não existência. Ou seja: ao não contar com esses princípios, ela *conta apenas* o real.

A outra vertente da escrita é aquela ligada ao significante. Aqui, trata-se de sistema, da elaboração de um alfabeto que permite marcar e transcrever a fala. Em dado momento do seminário *L'identification*, Jacques Lacan se encontra às voltas com essa problemática. Com intuito de resolvê-la, ele falará de uma escrita em *latência* no significante. Assim, a partir do momento em que a letra do alfabeto veio a se associar à fala, ela teria “ativado” essa escrita em latência do significante. Uma hipótese interessante, trabalhada à sua maneira por dois comentadores da obra do psicanalista, que elaboram o tema da escrita, quais sejam: Jean Allouch (1984) e Pommier (1993).

Feita essa discussão, podemos retomar o tema do inquietante em Freud e estabelecer uma relação entre a Coisa e o que tratamos como irrupção no aparelho psíquico e sua teorização sobre esse sentimento. Retomaremos aqui apenas alguns dos fios argumentativos de Freud nesse texto, de modo a colocar em relevo aquilo que nos parece o mais importante, sua limitação em relação ao conceito de Coisa que o precedeu, e ao de êxtimo, que o sucedeu no ensino de Lacan.

O INQUIETANTE: NEM CASTRAÇÃO, NEM MORTE, MAS INEXISTÊNCIA

Freud inicia o tema do inquietante falando de estética, como qualidade do sentir. Trata-se de um sentir que muitas vezes se confunde com o angustiante, mas cuja tarefa investigativa ele avançará no sentido de distingui-los. Algo da ordem do horrível, do repulsivo e doloroso. A primeira definição encontrada no texto é “[...] aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar” (FREUD, 2010, p. 331). Assim, a questão se coloca sobre sob quais condições o familiar poderia se tornar inquietante.

Apesar de inúmeros exemplos do surgimento desse sentimento na vida cotidiana, curiosamente, sua escolha é por trabalhar principalmente com a literatura, em particular a história *O homem da areia*, de E.T.A. Hoffmann, visando a investigar o que ali despertaria o sentimento inquietante. Cabe observar o fato de sua análise se direcionar a um *traço* que se repete durante toda a narrativa, qual seja: aquele dos *olhos*. Diversos momentos dessa história trazem à tona o tema dos olhos e do olhar, seja através das cenas, seja através de significantes, como no caso do nome Coppo (equivalente à cavidade ocular). Vejamos alguns momentos nos quais o traço dos olhos se figura nas cenas do romance: a visão do advogado Coppelius no escritório do pai e sua fala “olhos aqui, olhos aqui”; o ótico italiano Giuseppe Coppola que oferece a Nathaniel (o protagonista) o

“olho bonito”, mostrando-se no fim se tratar de óculos; os binóculos de bolso comprados de Coppola, através dos quais Nathaniel observa a silenciosa, imóvel e bela Olímpia; a história do homem da areia, que jogaria areia nos olhos das crianças, fazendo com que os olhos saltassem, etc.

Freud associa esse traço, a *ameaça aos olhos*, ao tema da castração, e analisa as suas incidências na história como trazendo à tona o sentimento inquietante. No caso da história, tudo gira em torno da morte misteriosa do pai e do tema da castração vivenciado de uma maneira terrível para aquele sujeito, como algo nunca exatamente assimilado, tal qual a Coisa freudiana. Poderíamos, também, em certa medida, aproximar a análise desse traço ao que desenvolvemos acerca da ideia de traço unário: trata-se de traço que se repete, através do que se marca alguma coisa que nunca é inteiramente assimilada pelo psiquismo, desvelando-se como o que haveria de mais externo e ao mesmo tempo íntimo para um sujeito. Mas não foram estas as escolhas de Freud. Continuemos para entender o caminho por ele adotado.

Em sua análise do romance, o tema da castração é central, mas também há a morte misteriosa do pai. É evidentemente tentador ler essa ausência de fiador absoluto da verdade a partir da hipótese de Lacan sobre a psicose. Nesse caso, essa ausência justificaria o tema da castração, tão central na construção desse personagem, na medida em que diante dessa ausência paterna sem marcas teria havido uma falha na inscrição simbólica, se pensarmos a partir da teoria lacaniana sobre a forclusão (LACAN, 1978). Certamente, trata-se de uma obra literária e não podemos considerar Nathaniel simplesmente como um sujeito psicótico em delírio. Porém, essa pode ser uma chave de leitura interessante, porque ajudaria a pensar não apenas os momentos de aparente delírio do personagem e a angústia esmagadora diante do significante *olhos*, como também a experiência inquietante de assistir a Natanael sofrer uma perda progressiva de sua capacidade de julgar o que é da ordem da realidade e o que é da ordem da ficção. Mais especificamente, a experiência inquietante de acompanhá-lo numa progressiva submersão no mundo da fantasia e do delírio. Sem dúvida, o mistério dessa morte é indissociável da *mise en abîme* da realidade como um todo nesse romance. Freud tampouco escolhe esse caminho, que, contudo, abre o romance de Hoffmann. Com efeito,

Hoffmann já desperta o leitor no interior do universo inquietante, quando inicia *O homem de areia* não com um narrador, mas com uma sequência incomum de trocas epistolares: Natanael escreve a Lothario, irmão de sua noiva, Clara, a respeito de seu terror na infância do homem de areia e sua associação entre Coppelius e Coppola, mas envia “erroneamente” essa carta a Clara, que lhe responde com outra carta, denunciando seu engano. Nataniel volta a escrever para Lothario sobre as assimilações entre a identidade de Coppelius, Coppola e Spalanzani, buscando separar o que é fruto de sua imaginação do que é real. O que esse quiproquó epistolar de fato revela é a ausência de um narrador que se responsabilize pela verdade da narração, inaugurando uma insegurança inédita na literatura e na cena cultural europeia (SILVA JUNIOR, 2019).

Outra trilha, também abandonada após alguns passos, é a morte. Num certo momento do artigo, elencando as diversas formas de se pensar o inquietante, Freud comentará sobre esse sentimento diante de cadáveres e mesmo diante do tema do retorno dos mortos. Dirá que em nenhum outro âmbito nos-

os pensamentos e sentimentos mudaram tão pouco desde os primórdios, com o arcaico tão bem conservado, como em nossa relação com a morte (FREUD, 2010, p. 361). Em meio a essa discussão, ele dirá:

É certo que a frase “Todos os homens são mortais” vem apresentada, nos manuais de lógica, como exemplo de proposição universal, mas para nenhuma pessoa ela é evidente, e hoje, como outrora, nosso inconsciente não tem lugar para a ideia da própria mortalidade (FREUD, 2010, p. 361).

A ideia da morte é disruptiva, limita em alguma medida qualquer formação de sentido formulada pelo homem. É interessante observar a consideração de Freud sobre não haver lugar para a ideia de nossa mortalidade no inconsciente, como algo que, justamente, não se inscreve. Para além da universalidade da proposição, há algo em cada sujeito que não se enquadra totalmente na proposição. Certamente, todos morrerão, mas em relação à vida psíquica e à singularidade do sujeito, alguma coisa não funciona segundo essa universalidade. O sentimento da nossa própria mortalidade inquieta justamente na medida em que nos é assim tão próprio (cada um, à sua maneira, para além da universalidade da proposição) e tão estranho (pois se não há lugar para a nossa mortalidade no inconsciente, a morte resta como Coisa). Se prosseguíssemos com o tema da Coisa, poderíamos analisar a morte a partir da ideia do que nunca inteiramente se escreve.

Contudo, todas essas abordagens metapsicológicas, a castração, a morte, assim como aquela dos duplos, ligada ao narcisismo, serão sucessivamente analisadas e refutadas por Freud em sua busca de compreensão metapsicológica do inquietante. Sua conclusão é inequívoca e ela se funda sobre a ideia do conflito de julgamentos. O inquietante, diz Freud, surge “quando se apresenta a nós como real algo que até então havíamos considerado como fantástico” (FREUD, 1982, p. 267). Até o final do texto, essa hipótese não será refutada. Podemos, portanto, tomá-la como a hipótese freudiana sobre o inquietante. Ora, essa definição, comparada com a sua própria apresentação dos processos psicológicos em torno da Coisa, ou com o desenvolvimento da teoria da pulsão de morte no *Além do princípio do prazer* (FREUD, 2010), possui uma limitação não negligenciável. Vejamo-la em detalhe.

Ao desenvolvermos o tema do êxtimo, sublinhamos se tratar da característica de algo tão interno quanto externo para um sujeito, como uma Coisa que nunca é inteiramente “codificada” pelo aparelho psíquico, um furo central incontornável que coloca problemas. Nesse sentido, traços que reiteram esse furo podem trazer um tipo específico de inquietante, na medida em que essa coisa é, em si mesma, inexistente. Instaura-se assim no êxtimo algo da ordem do familiar/íntimo e do estranho. Contudo, trata-se de um conflito de julgamento diferente daquele conceitualizado por Freud em seu texto para dar conta da experiência do inquietante. Pois não ocorre aqui uma percepção de que algo que era julgado como ficção se torna realidade, mas o inverso: algo que era julgado como realidade subitamente se revela como ficção.

Esse é o ponto principal de nosso argumento, pois ele permite sublinhar a diferença essencial entre o inquietante freudiano e a extimidade lacaniana. A extimidade implica a alteração de um sistema de linguagem por algo cuja existência é simultânea à sua inexistência. Este algo, o rastro, exige a coexistência de uma coisa e sua ausência, coexistência que não pode ser admitida pelo princípio de não contradição (não cabe “A” e “não A”, não é válida uma

sentença que afirme algo e seu contrário simultaneamente). Nestas modalidades de negatividade, tal como no caso da Coisa e do retorno ao inorgânico visado pela pulsão de morte, o inexistente produz efeitos no existente. Na experiência do inquietante, tal como ela é compreendida por Freud, o conflito de julgamento se passa entre dois campos que são, ambos, interiores ao sistema psíquico e desde sempre por ele já codificados. De fato, as imagens e experiências na realidade que o sujeito julgava pertencerem exclusivamente à ordem da ficção estão apoiadas em significantes que são parte do sistema simbólico. O conflito de julgamento se passa entre o campo da realidade e o campo da imaginação, ambos acessíveis à narração. Não há, em sua conceitualização do inquietante, um conflito entre o sistema psíquico e o que está fora dele, como no caso da Coisa, do trauma, ou mesmo da pulsão de morte. Essa diferença revela, ao mesmo tempo, uma restrição da teorização freudiana a um só tipo de experiência do inquietante.

Podemos inferir igualmente que a conceitualização das experiências inquietantes a partir da extimidade pode abranger formas de experiência do inquietante ligadas, precisamente, à ameaça que a não existência realiza sobre a existência. No início deste artigo, falamos sobre o traço unário servir como modo de leitura para o problema da Coisa. Partindo de uma ideia de apagamento e de repetição, seria possível de algum modo estabelecer o que permanece sempre como Coisa, furo estranho e inquietante. Se ela não se escreve no aparelho psíquico, pode ao menos ser lida. Não se transforma em símbolo, em letra; mas o seu rastro fica marcado como o que ali teria estado. Dessa maneira, a Coisa indica a inexistência de algo que não se escreve (como não se escreve a relação sexual, se pensarmos nas formulações lacanianas de 1970), mas ela é lida: lida na sua estranheza e nossa intimidade.

NOTAS

3. *Cuenta larga* era um tipo contagem histórica, segundo um calendário vigesimal não repetitivo, da cultura maia. Essa contagem caiu em desuso nos reinos do pós-clássico da península de Iucatã (como os Astecas) dando lugar para um outro tipo de contagem, a *cuenta corta*.
4. Ver nota 3, p. 350 (FREUD, 1996).
5. Em relação a essa discussão, o seguinte trecho da autora pode ser mais elucidativo: “Em 1915, o que Freud denomina como *Sachvorstellung* (representação-coisa) ou (*Dingvorstellung*) é igual à imagem visual, tátil, acústica. No inconsciente e no pré-consciente, *Objektvorstellung* (representação-objeto) divide-se em representação-coisa e representação-palavra. Temos, então, uma possível combinação (simbólica) entre representação-coisa e representação-palavra no nível do Pcs. No lcs a representação ou ato psíquico permanece sobreinvestido; *das Ding* resta estrangeira. Entre percepção e consciência (um mesmo sistema): o inconsciente é a peneira topológica. Se Freud parte da percepção como marca de origem, o problema que se lhe apresenta é, de saída, um problema econômico. Nas origens a questão se localizava no nível da facilitação, a qual dependia do nível energético do sistema e da sua regulação homeostática – Lacan nos orienta nesta leitura, no que foram seus primeiros seminários. A percepção se ligou à consciência, não sem o inconsciente que é testemunha da separação radical entre a palavra e a coisa (*das Ding*). Entre percepção e consciência, o inconsciente é a rede simbólica, mas também o que ‘não cessa de não se escrever’, ou seja, o Real. Então, a *Prägung* traumática nos obriga a repensar isso que

na percepção, por atropelo, se transforma naquilo que não restará senão com o ônus de certo efeito de alucinação estranha. As considerações iniciais de Lacan sobre a *Prägung* traumática, sobre a teoria do significante e do significado, incluem essas diferenciações” (BERTA, 2015, p. 119-120).

REFERÊNCIAS

ALLOUCH, J. **Lettre pour lettre**. Transcrire, traduire, translittérer. Toulouse: Éditions Érès, 1984.

BADIOU, A.; CASSIN, B. **Il n’y a pas de rapport sexuel**. Deux leçons sur L’Étourdit de Lacan. Paris: Librairie Arthème Fayard, 2010.

BERTA, S.L. **Escrever o trauma, de Freud a Lacan**. São Paulo: Annablume, 2015.

FOUCAULT, M. **Les mots et les choses**. Une archéologie des sciences humaines. Paris: Gallimard, 1996.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**: Vol. 2. Trad. de R. Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2015.

_____. Além do princípio do prazer. Trad. de P.C. Souza. In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**: Vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Das Unheimliche**. Studienausgabe. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1982.

_____. Nota sobre o bloco mágico. In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**: Vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. O Inquietante. Trad. de P.C. Souza. In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**: Vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Projeto para uma psicologia científica. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. **Encore**. Paris: Seuil, 1999.

_____. L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud. In: _____. **Écrits**. Paris: Le Seuil, 2001.

_____. **Le séminaire** : Livre III : Les psychoses. Paris: Le Seuil, 1978.

_____. **Le séminaire** : Livre VII : L’éthique en psychanalyse. Paris: Le Seuil, 1986.

_____. **Le séminaire** : Livre XVI : D’un Autre à l’autre. Paris: Le Seuil, 2006.

_____. Séminaire 9 : L’identification. [S.a.]. Disponível em: <<http://staferla.free.fr/>>. Acesso em: 19 maio 2020.

POMMIER, G. **Naissance et renaissance de l’écriture**. Paris: PUF, 1993.

SILVA, G. C. O. **Leitura e escrita da letra na obra de Jacques Lacan**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA JUNIOR, N. **Fernando Pessoa e Freud**: diálogos inquietantes. São Paulo: Blucher, 2019.